

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**LETÍCIA MARTINS ARRUDA**

***BULLYING ESCOLAR: COMO OS PROFESSORES DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL TÊM ENFRENTADO ESSE PROBLEMA***

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado em forma de artigo como  
requisito a formação no Curso de  
Enfermagem no UniCEUB sob orientação  
da Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro  
Sampaio

BRASÍLIA  
2019

## ***Bullying* escolar: como os professores de uma escola pública do Distrito Federal têm enfrentado esse problema**

Letícia Martins Arruda<sup>1</sup>  
Julliane Messias Cordeiro Sampaio<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O *bullying*, é considerado um problema de Saúde Pública, que ocorre na escola e, por vezes, na presença do professor, que por não conhecer o fenômeno adequadamente e suas manifestações, não intervém de maneira eficiente. Nessa perspectiva reconhecer o problema subsidiará ações assertivas e auxiliará na prevenção e enfrentamento do *bullying*. O objetivo deste estudo foi identificar a representação social sobre o *bullying* e como intervêm os professores do 6º e 7º ano de uma escola pública do Distrito Federal. Tratou-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. Através deste trabalho foi possível identificar que os docentes, de forma quase unânime, utilizam intervenções imediatas diante do fenômeno e os professores destacaram que o diálogo constitui a principal medida para redução da violência escolar. Conclui-se que, o conflito quando percebido pelos professores, é mais fácil de prevenir e até mesmo combater o *bullying*.

**Palavras Chave:** Violência escolar, *Bullying*, Professor e *bullying*; Intervenção

**School bullying: how the teachers of a public school in the Federal District have faced this problem**

### **ABSTRACT**

Bullying is a public health problem that occurs in school and sometimes in the presence of the teacher, who does not know the expression and its manifestations, is not efficient. From this perspective, the problem is to subsidize assertive and auxiliary actions in the prevention and coping of bullying. The dictator is not a social social about the bullying of the school of 6 ° and 7 year of a school public of the Federal District. This was a descriptive description of a qualitative approach. The objective of the dochavinating, at the almost sum unime, with sated the treatment of the dowse, at the parted the job in the upper measure to the reduction the violence and the milieu in front of the multiple medical instruments. It is concluded, which is difficult to be controlled by teachers, it is easier to prevent and even combat bullying.

**Keywords:** School violence; Bullying; Teacher and Bullying; Intervention

---

<sup>1</sup>Graduanda do 9º semestre de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) Brasília-DF

<sup>2</sup>Professora do Curso de Enfermagem do UniCEUB

## 1 INTRODUÇÃO

A escola é o espaço inicial destinado ao desenvolvimento cognitivo, pessoal, social, afetivo, além da interação interpessoal fora do contexto familiar, mas que necessita de relações entre os diferentes segmentos. Dentre estas interações interpessoais, os pares podem apresentar aspectos violentos, seja na forma física ou psicológica. Faz-se necessário identificar o motivo de tais eventos ocorrerem no espaço escolar, objetivando identificar as intervenções realizadas para a prevenção e redução dos casos de violência estudantil (FANTE, 2012).

As formas de violência escolar, dentre elas o *bullying*, não podem se tornar naturalizadas e nem serem associadas a brincadeiras ou tratadas de forma inerente ao desenvolvimento humano. A importância dada a violência escolar se deve ao fato de que a vitimização pode desencadear e potencializar fatores de vulnerabilidade que podem interferir no desenvolvimento cognitivo e socioemocional de crianças e adolescentes (MELLO, 2018).

É importante sublinhar que, no Brasil, o *bullying* ocorre com maior frequência dentro das salas de aula, deduzindo-se daí que a sua manifestação ocorre, em boa parte, diante dos professores (SILVA et al., 2013; SAMPAIO, 2015). Dados da investigação realizada por Silva et al. (2017), demonstram o professor como ator principal para mediar os conflitos. Dessa maneira é importante que os professores saibam identificar o *bullying*, caso seja escassa a compreensão sobre o fenômeno, não será efetivo a intervenção por meio de diálogo e não será possível propiciar ações de enfrentamento aos atos.

O *bullying* sendo reconhecido como problema de saúde pública, pelo poder público e pelos demais setores da sociedade, é possível realizar uma desarticulação do ciclo de violência nas escolas (MELLO, 2018).

Nessa perspectiva, com relação ao papel dos professores na intervenção do fenômeno é importante que desenvolvam ações e programas para atuar nos casos de violência e suas possíveis consequências. Cabe ao professor e a escola zelar e proteger aos alunos, com a função de intervir e prevenir reais casos do fenômeno (MENDES, 2011). Sabe-se que o indivíduo exposto a situação de vulnerabilidade necessita de uma intervenção que minimizem os eventos negativos e suas respectivas consequências, para tanto, estratégias de enfrentamento devem ser adotadas a partir de programas que

reduzam o risco de violência e promovam resiliência. Portanto o docente tem o papel de potencializar, atuando como agente de proteção (YUNES et al., 2015).

De acordo com Silva e Rosa (2013), a ação das escolas ainda está em fase inicial de acordo com o assunto, já que os profissionais de educação ainda não estão totalmente preparados para identificar e intervir no *bullying*. A situação se deve por desconhecimento do fenômeno e, talvez, por negarem a existência do problema, quem sabe ainda, por despreparo do profissional de educação em intervenções planejadas e efetivas.

A participação dos professores nos processos de avaliação e intervenção do *bullying* é fundamental para a diminuição do fenômeno dentro da escola (FANTE, 2012). Para isso, se faz necessário habilitar esse grupo para identificar o fenômeno, suas manifestações, consequências, apresentando-lhes possíveis formas de intervenção.

É necessário que as escolas possam capacitar seus profissionais para a identificação, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências de forma consciente, responsável e democrática, para que todos estejam preparados para atuar com responsabilidade (SILVA; ROSA, 2013).

Conclui-se que reconhecendo o *bullying* como um fenômeno com possibilidade de intervenção, é possível identificar como agem os professores de uma escola pública do Distrito Federal brasileiro a respeito do *bullying* em seu cotidiano, ou seja, como mediam nessas ocasiões de conflitos e descrever o perfil sociodemográfico destes.

Esse trabalho se justifica por tratar de uma temática relevante, passível de intervenção através da mediação dos conflitos oriundos do *bullying* no ambiente escolar.

Para tanto, elencou-se como objetivo dessa investigação apreender como os professores enfrentam o *bullying* escolar na maior Região Administrativa do Distrito Federal.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. Neste estudo, os dados foram provenientes do banco de dados da orientadora professora Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio “*Bullying: o que sabem e como atuam os professores de uma*

escola pública no Distrito Federal Brasileiro à luz da representação social”, que utilizou a Teoria das Representações Sociais para avaliar como os professores mediam o *bullying* em sua atuação profissional, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB sob CAAE nº01829318.7.0000.0023, e aprovação sob parecer de número 3.026.120 em 19/11/2018. Respeitando-se as prerrogativas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP.

Salienta-se que a participação na entrevista teve como pré-requisito o consentimento documentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Ficou estabelecido como critério de inclusão: estar presente no dia em que foram realizadas as entrevistas e o critério de exclusão apontado foi: o professor que estivesse ausente, no dia da entrevista, da escola selecionada.

As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise dos dados. Elas foram realizadas individualmente na escola de atuação, no Horário Pedagógico de Trabalho Coletivo (HTPC), previamente agendado pela direção da escola.

Os instrumentos de coletas de dados utilizados foram: entrevistas semiestruturadas, que têm como objetivo a percepção das representações sociais dos sujeitos. As variáveis sociodemográficas foram descritas na Parte I do questionário, sendo mediadas por: nome fictício (Os professores foram identificados como P sendo numerados de 1-10), gênero, idade, escolaridade, disciplina que leciona, tempo de formação e tempo de atuação na rede.

As variáveis específicas do estudo são 3 questões da Parte II do questionário já avaliado e aprovado por Sampaio et al (2015) A questão utilizada é sobre: como os professores enfrentam o *bullying*.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As entrevistas com os professores ocorreram no Horário Pedagógico de Trabalho Coletivo (HTPC), previamente agendado pela direção da escola. Em um universo de 17 professores, um total de 10 professores aceitou responder o questionário.

A parte sociodemográfica, Parte I, descreve o perfil dos participantes. No Quadro 1 os dados sociodemográficos dos professores entrevistados estão apresentados de acordo com: participante; gênero; idade; disciplina que leciona; tempo de formação e se há pós-graduação (*latus e/ou stricto sensu*).

**Quadro 1:** Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa. Caracterização dos sujeitos participantes, docentes da rede pública de ensino do Distrito Federal.

Participante	Sexo	Idade	Tempo de Docência	Disciplina	Pós-Graduação
P1	Feminino	45	9 anos	Língua Portuguesa	Sim
P2	Masculino	50	10 anos	Matemática	Sim
P3	Masculino	22	3 anos	Geografia	Não
P4	Feminino	23	3 anos	Língua inglesa	Não
P5	Masculino	30	5 anos	Matemática	Sim
P6	Feminino	25	7 anos	Matemática	Não
P7	Feminino	34	5 anos	Ciências	Sim
P8	Feminino	37	5 anos	Língua Portuguesa	Não
P9	Masculino	28	5 anos	Ciências	Não
P10	Feminino	25	2 anos	Matemática	Não

**Fonte:** Dados coletados pelas autoras em 2019.

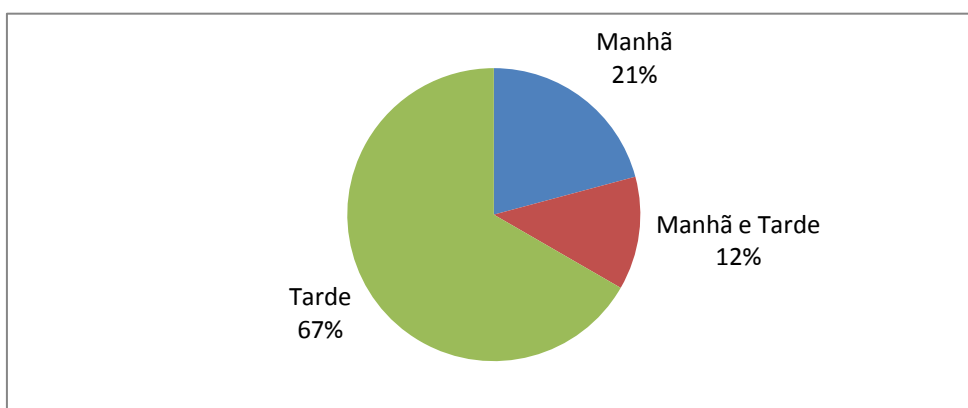
O Quadro 1 permite uma visualização geral e panorâmica de dados sociodemográficos dos professores participantes.

Nos dias das entrevistas, esteve presente, um total de 17 professores. Destes, 10 (58,9%) aceitaram participar da pesquisa, 04 (23,5%) não permaneceram no local durante as entrevistas e 03 (17,6%) se negaram a participar da investigação alegando não ter tempo, pois estava com planejamento acumulado e não iria usar seu horário de trabalho para outra atividade. Ao tentar argumentar a importância da investigação, esses professores permaneceram enfáticos na sua resposta negativa.

Os professores apresentaram idade entre 22 e 50 anos (média de 31,9). Quanto ao gênero a maioria pertencia ao sexo feminino (60%). Como formação inicial: Letras (30%), Matemática (40%), Ciências (20%) e Geografia (10%). Ainda sobre a formação apenas 40% possuía pós-graduação *lato sensu*. Entre o tempo de docência, os períodos variam entre 2 e 10 anos (média de 5,4 anos)

Os resultados apontaram que a maioria dos entrevistados têm vínculo institucional no turno vespertino. Isso ocorre porque a escola tem maior número de turmas e de anos escolares nesse período (Figura 1).

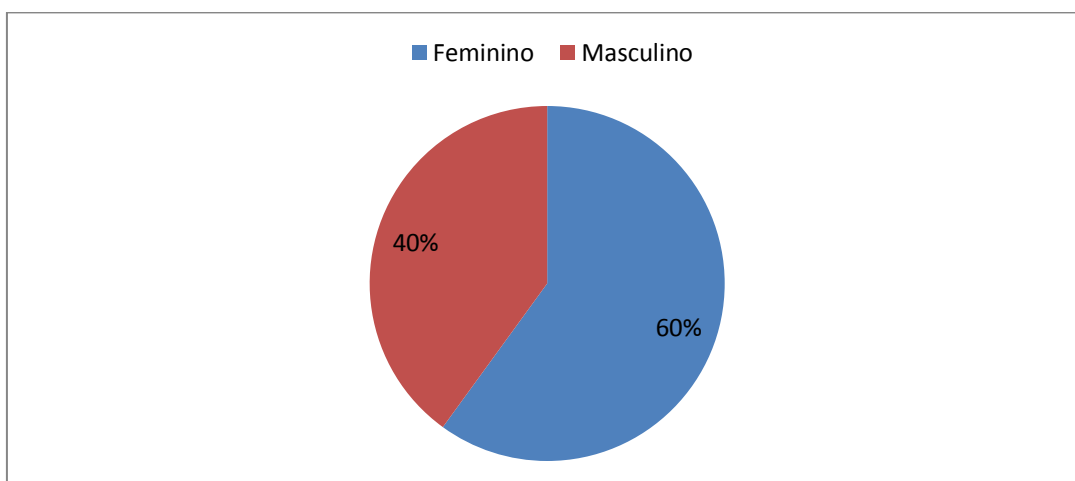
**Figura 1:** Distribuição de docentes por turno



**Fonte:** Dados coletados pelas autoras em 2019.

Os resultados apresentados na Figura 2 apontam que o papel de professor, é, ainda, predominantemente executado, por mulheres, denominando a feminização do magistério, relacionado com o período histórico, em que, a educação e a docência estão entre os espaços sociais aos quais as mulheres acederam mais cedo e se incorporaram mais facilmente ao mercado trabalho (VIANNA 2013).

**Figura 2:** Caracterização de professores por sexo



**Fonte:** Dados coletados pelas autoras em 2019.

De acordo com Vianna (2013), no Brasil, a presença predominante de mulheres no magistério da educação básica refere-se a um longo e complexo processo histórico, permeado por dificuldades e que coincide com a expansão do ensino público primário. Entretanto, segundo a autora, a presença maciça das mulheres no magistério deve ser analisada e fundamentada nas relações de classe e gênero (PRÁ; CEGATTI, 2016).

Os professores reconhecem que este fenômeno é real, que está presente no contexto escolar. Diante dessa perspectiva do *bullying*, abaixo estão expostas as práticas utilizadas pelos docentes no enfrentamento do fenômeno dentro do ambiente escolar.

*“É um trabalho que a gente tem que fazer o ano todo, para que, os alunos consigam construir seus valores. Então eu observo o comportamento e a liderança de cada um. As lideranças são potencializadas para que eu use ao meu favor na aprendizagem desses alunos. É necessário escutar cada aluno, entender toda a problemática, para que eu como professora possa agir da melhor maneira tanto com o agressor quanto com a vítima.”* (P1)

*“Eu converso com os dois alunos, para entender o que aconteceu e poder mediar os conflitos, se não resolver envio os dois para direção, que lá eles conversam. Bom é isso.”* (P2)

*“Bom primeiro eu converso com os alunos para que eu possa entender a situação, após isso eu tento reverter a situação com os próprios alunos, caso eu não consiga reverter entre eles, convoco a família de cada um e coordenação da escola.”* (P3)

*“Primeiro eu observo se a agressão é persistente, mas em uma situação confirmada de bullying eu dou privilégio a discussão, visando conscientizá-los das consequências negativas dos atos praticados, eu tento reverter a situação dentro da sala de aula mesmo.”* (P4)

*“Eu enfrento chamando os alunos, mostrando que ninguém é igual, têm as diferenças que tem que ser aceitas”* (P5)

*“Olha, geralmente eu busco apoio das pessoas que estão capacitadas e fazem parte da equipe da escola, orientadora, psicólogo se tiver, equipe de apoio, e aí eu converso diálogo com a turma se for um caso isolado, com a questão específica. Na verdade, eu procuro conversar com o aluno, mas não só eu professora, eu procuro buscar apoio dos profissionais que estão gabaritados para lidar melhor ao lado psicológico e emocional dessa criança.”* (P6)



*Quando eu vejo e presencio mesmo, na hora mesmo eu proíbo falo que não é permitido, falo as consequências em relação a escola, advertência e suspensão e fora daqui também né.” (P7)*

*“Converso com os alunos, se passa dos limites, se o aluno está muito chateado, eles estão pegando muito pesado, a gente leva para a direção, para eles resolverem, mas como eu sou de exatas, aí já... quem costuma tratar mais isso é professor de português que trabalha texto, professor de LP, eu mesmo atuo mais quando vejo que está acontecendo alguma coisa.” (P8)*

*“Geralmente a gente tira da sala para conversar, acho que quando a gente chama atenção assim na sala, as vezes você pode dar uma atenção extra, e até expor a pessoa que está sendo vítima né, então a gente sai conversa, pergunta se o colega gostaria de ser chamado daquela forma, de ser taxado daquela forma, se ele não é diferente das outras pessoas em outras coisas, mas é isso, mais conversa.” (P9)*

*“Geralmente eu tento amenizar bem a situação né, realmente eu peço para parar, qualquer tipo de brincadeira, qualquer tipo de situação que possa denegrir a imagem do aluno, né, o aluno que começa a brincar ou falar mal do outro, eu vejo que ele não gosta eu mando parar, mas dependendo da situação, tomo alguma medida mais forte assim para parar o bullying e é isso né, geralmente.” (P10)*

Ao serem interrogados sobre suas intervenções diante da ocorrência de *bullying*, verificou-se que os professores entrevistados afirmaram que a sua primeira reação é observar se as agressões são persistentes e privilegiam o diálogo com os envolvidos, com vistas a refletirem sobre seus atos. Caso não haja modificação do comportamento e, as agressões continuarem sendo perpetradas, a conduta mais verbalizada foi o encaminhamento para a direção da escola e/ou a comunicação para os pais dos envolvidos.

Depreende-se, que os docentes, de forma quase unânime, utilizam formas de intervenção imediata diante das manifestações do fenômeno. Isto é, no momento do conflito, os professores intervêm de formas imediatistas de modo a reprimir a crise que foi gerada naquele instante, ou mesmo transferir o papel de mediador que lhes cabe para outro professor, que por vezes não estava presente no momento do conflito ou apenas encaminhar para que a direção faça mediação das situações de *bullying*.

Os dados são coerentes com as perspectivas apresentadas pelos participantes na pesquisa da Apeoesp (2013), na qual 28% dos professores destacaram que debates constituiriam a principal medida a ser implantada para redução da violência escolar.

É necessário que os professores conheçam e compreendam o fenômeno entre os pares de forma consciente, para auxiliá-los no poder de decisão de suas atitudes frente ao *bullying*. Aos componentes da escola é necessário identificar sobre os comportamentos de violência que podem ser manifestados, para que as medidas cabíveis possam ser executadas a fim de quebrar o ciclo vitimização-agressão no ambiente escolar (SAMPAIO, 2015).

E para que essas ações tenham sucessos é necessário que a gestão escolar tenha uma política que inspire as questões de não-violência e a cultura de pais dentro e fora da instituição escolar para alcançar a meta do rompimento do ciclo da violência na dinâmica escolar com ações que sejam permanentes e não imediatas mediante ao conflito. Para isso é necessário que os professores sejam habilitados, capacitados e treinados para obter sucesso no desenvolvimento (SCHULTZ et al., 2012; SILVA et al., 2014).

Alguns professores também consideram positivo que se convoque a presença da família na escola, inserindo-os como auxiliar nas intervenções, além da coordenação escolar (SILVA et al., 2013).

Quanto à comunicação aos familiares, se tornam ações adequadas quando complementar a outras mais abrangentes e de caráter mais educativo. A autoridade familiar é importante à socialização das crianças e dos adolescentes, porém seu exercício é limitado, se tratando dos eventos que se processam na escola, no interior das salas de aula. Ademais, é fundamental considerar que os responsáveis são em grande parte leigos em relação ao fenômeno, o que facilita para que ajam de forma limitada, senão inadequada, diante aos filhos (OLIVEIRA et al., 2015).

A sala de aula é o espaço em que os professores estão em melhores condições para identificar e intervir nas ações de violência. Ele pode envolver os alunos nas discussões e ações, desencorajando os comportamentos agressivos. As intervenções para serem eficazes implicam a atuação em conjunto da escola com os professores, alunos e familiares (SILVA, J. L. et al., 2014).

Compete destacar que, no contexto da violência escolar, as reflexões são importantes por oportunizarem a socialização de informações, estimularem formas de pensamento crítico e darem ensejo à aquisição de maior conscientização dos alunos.

Então cabe ao professor dialogar com os estudantes, estimulando um pensar crítico sobre esse problema, em especial sobre o *bullying*, estimulando as habilidades sociais, tais como: comunicação, empatia, respeito, dentre outras, com a perspectiva de que cada aluno assimile o conteúdo sobre a temática e apresente respostas positivas frente às situações de conflitos.

Cabe salientar que, por vezes, os professores apontam não terem habilidade, condições e conhecimento suficientes para intervirem nas situações de *bullying* (SILVA et al., 2015; SILVA et al., 2017), fato que inviabilizará o estabelecimento da Cultura de Paz e da não violência na escola.

Diante este cenário, denota-se a importância de que na formação do professor a temática *bullying* seja incluída, de modo a incrementar no seu conhecimento, na sua sensibilidade e sua competência para identificar e intervir no problema, contribuindo assim para que o clima escolar seja menos violento e excludente (SILVA et al., 2015).

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir dessa investigação, pode-se evidenciar que as intervenções feitas pelos professores nas situações de *bullying* são influenciadas positiva ou negativamente pela maneira que eles compreendem, identificam e lidam com esse fenômeno em sala de aula. E, vale ressaltar, que apenas nas situações onde esse tipo de violência está explícito, esses profissionais conseguem intervir. Isso se dá pelo fato de, muitas vezes, não reconhecerem as manifestações multifacetadas do fenômeno fato que impossibilita a redução da incidência de comportamentos de exclusão, intimidação, *cyberbullying*, sendo notado apenas, o uso de apelidos e agressões físicas.

Quando o problema é percebido, torna-se mais fácil de prevenir e até mesmo combater o *bullying*. Nesse contexto a escola e seus profissionais com os recursos e o desenvolvimento de estratégias permanentes estão empenhados em busca das diversas formas de intervenção e resolução dos conflitos. A formação deles constitui um aspecto a ser trabalhado em relação ao *bullying* escolar, pois uma maior competência dos professores pode contribuir para o reconhecimento da gravidade inerente a todas as formas de agressão praticadas e estimular intervenções mais adequadas, especialmente voltadas à prevenção.

Assim, o presente estudo aponta que a prática docente em seu cotidiano apresenta intervenções pontuais e imediatas, deliberando os conflitos que surgem. Apreendem-se dos professores a necessidade e o empenho na resolução dos conflitos, mas que apresentam um caráter superficial e imediatista na mediação do problema. A implementação dessas ações deve de forma contínua e de longa duração, e integrado ao Projeto Pedagógico escolar, associado às ações intersetoriais.

## 5 REFERÊNCIAS

- FANTE, C. **Fenômeno *bullying*: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz** (6ª ed.) SP: Verus. 2012
- MELLO, F. C. M. **Representações sociais de professores sobre o *bullying* e seu enfrentamento no contexto da prática docente**. Ribeirão Preto, 2018, 142f. Tese (Doutorado) 2018.
- MENDES, C. S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Revista escola de enfermagem**, São Paulo, v. 45, n. 3, p.581-588, 2011.
- OLIVEIRA, W. A. et al. Interfaces entre família e *bullying* escolar: uma revisão sistemática. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 121-132, jan./abr. 2015.
- PRÁ, J. R.; CEGATTI, A. C. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Revista Retratos da Escola**, Brasília. v. 10, n. 18, p. 215-228, jan.-jun. 2016.
- SAMPAIO, J.M.C. ***Bullying* no contexto escolar: avaliação de um programa de intervenção**. Ribeirão Preto, 2015, 175 f. Tese (Doutorado) 2015.
- SCHULTZ, N. C. W; DUQUE, D. F. S; SILVA, C. F; SOUZA, C. D; ASSINI, L. C; CARNEIRO, M. G. M. A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em estudo**. v. 17, n. 2, p. 247-254, abr.-jun. 2012.
- SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é *bullying*? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 17, Número 2, p. 329-338 jul.-dez. 2013.
- SILVA, J. L; OLIVEIRA, W. A; BAZON, M. R; CECÍLIO, S. *Bullying* na sala de aula: percepção e intervenção de professores, **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n.1, p. 121-137, jun. 2013.

SILVA, J. L. OLIVEIRA, W. A; SILVA, M. A. I; PEREIRA, B. O; CECÍLIO, S. Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face do *bullying* escolar. **Revista de Psicologia: Teoria e Prática**, 17(3), p.189-199. São Paulo, SP, p. 189- 199, set.-dez. 2015.

SILVA, J. L; OLIVEIRA, W. A; BAZON, M. R; CECÍLIO, S. *Bullying*: conhecimentos, atitudes e crenças de professores. **Revista de Psicologia** da PUCRS, v. 45, n. 2, p. 147-156, abr.-jun. 2014.

SILVA, P. F; FRELLER, C. C; ALVES, L. S. L; SAITO, G. K. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do *bullying*. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. São Paulo, SP, Brasil. V. 28 n. 1, p. 44-56. 2017.

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. **Violência nas escolas: o olhar dos professores**. São Paulo: Apeoesp. 2013

VIANNA, C. P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, S. C. (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

YUNES, M. A. M.; PIETRO, A. T.; SILVEIRA, S. B.; JULIANO, M. C. C; GARCIA, N. M. Um educador para proteger do risco e tricotar a resiliência: o profissional da educação como agente de proteção e de promoção de resiliência. In: Cabral, S.; Cyrulnik, B. (Org.). **Resiliência: como tirar leite de pedra**. 1 ed.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, v. 1, p. 157-172.

## ANEXOS

### APÊNDICE B

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA<sup>3</sup>

ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_ (*nome fictício*)

Gênero: (M) (F) (outro) Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade ( ) Graduação ( ) Pós Graduação *lato sensu* ( ) Pós Graduação *Stricto sensu*

DISCIPLINA QUE LECIONA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_/\_\_/20\_\_

Tempo de serviço na rede de ensino: \_\_\_\_\_ Tempo de formado: \_\_\_\_\_

#### PERGUNTA:

- I. Diante de situações comprovadas de *bullying*, de que forma você enfrenta este problema entre os alunos na escola?

---

<sup>3</sup>O roteiro de entrevista destina-se a professores das turmas dos SEXTOS E SÉTIMOS anos do Ensino Fundamental, que lecionam na escola selecionada para a pesquisa, na rede distrital de ensino.